

Comunidades beneficiadas com ecofogão nas reservas Mamirauá e Amanã.

INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS NA CONSTRUÇÃO DE FOGÕES E FORNOS À LENHA NAS RESERVAS MAMIRAUÁ E AMANÃ.

Ana Claudeise Nascimento, Edila Moura e Otacilio Brito

No ano de 2006 foi iniciada a construção de fogões e fornos eficientes em comunidades das Reservas Mamirauá e Amanã. Esses fogões também são conhecidos como ecofogões e ecofornos. Esse investimento é parte do projeto Energia e Desenvolvimento, um consórcio entre diversas ONGs nacionais liderado pelo Instituto de Energia Renovável e Desenvolvimento Sustentável, IDER, com sede em Fortaleza-Ce, com financiamento da USAID. O objetivo do projeto é proporcionar maior conforto e melhoria à saúde das famílias que cozinham em fogões à lenha tradicionais que produzem muita fumaça na produção dos alimentos.

Segundo a Organização Mundial de Saúde – OMS a exposição diária à fumaça na produção de alimentos dentro de casa leva à morte, por ano, mais de 1,5 milhão de pessoas em todo o mundo. Destes 800 mil são crianças, 500 mil mulheres e 200 mil homens. Estima-se que mulheres e crianças que habitam lares com fogão à lenha respiram o equivalente a dois maços de cigarro por dia e são mais vulneráveis por ficarem mais tempo em casa.

O princípio utilizado na construção do ecofogão e ecoforno consiste no aperfeiçoamento dos fogões e fornos tradicionais. É introduzida uma chaminé, ou “descarga” como dizem os comunitários, onde a fumaça é canalizada e liberada para fora do ambiente de trabalho; uma grelha para separar a lenha da cinza, aproveitando toda a energia que a lenha contém, e uma porta de chapa de ferro que serve para reter a energia calorífica da queima da lenha, objetivando economia da lenha e eficiência do equipamento. Esta experiência está sendo aprovada pelos comunitários que estão muito satisfeitos principalmente com a diminuição da fumaça no ambiente de trabalho e da redução da quantidade de lenha queimada.

Durante este ano foram construídos cinco ecofogões na Reserva Mamirauá e quatro na Reserva Amanã, sendo um ecoforno. A primeira experiência foi feita na comunidade de Porto Braga, onde foi construído um ecofogão de barro. O barro utilizado trincou e outra experiência foi feita com uso de cimento, tijolo e areia.

A experiência do ecofogão está sendo replicada em várias partes do Brasil. No Instituto Mamirauá o objetivo é implementar 27 unidades demonstrativas durante dois anos e beneficiar inicialmente 159 famílias e 934 moradores. As famílias diretamente beneficiadas são selecionadas em reuniões nas comunidades e todos participam da construção dos equipamentos modelo. A proposta é envolver os moradores nos ajustes e adaptações da tecnologia e difundir os resultados do experimento para outras comunidades. O custo de um fogão ecológico fica em torno de R\$ 150,00 se for feito de barro e de R\$ 350,00 se for feito com uso de tijolo e cimento. O custo de um forno para fazer farinha está em torno de R\$1.000,00. O IDSM está em busca de apoio das prefeituras locais para a disseminação dessas tecnologias para melhoria da qualidade de vida das populações ribeirinhas.



Destaque do Programa de Comunicação Comunitária do IDSM

Rafael Castanheira

O projeto “Formação de Comunicadores Populares”, uma parceira entre o Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM) e a Universidade do Estado do Amazonas (UFAM) foi premiado com o Troféu Regatão durante o VI Simpósio da Ciência da Comunicação da Região Norte (Intercom Norte) realizado nos dias 14, 15 e 16 de junho em Manaus. O evento, que contou com a participação de profissionais e estudantes de comunicação social dos estados de Roraima, Pará, Acre, Amazonas e Tocantins, teve o objetivo de pensar os caminhos e a história recente da comunicação na região Norte através da troca de experiências dos inúmeros professores, profissionais, estudantes e demais interessados no tema.

A equipe de Comunicação Comunitária do IDSM recebeu o prêmio de terceiro lugar na categoria “Jornal Laboratorial” pela produção do jornal O Comunicador, onde apresenta textos jornalísticos escritos por ribeirinhos das Reservas Mamirauá e Amanã que participaram do projeto de Formação de

Comunicadores Populares. O jornal “O Comunicador” está em sua décima edição, sendo escrito totalmente pelos ribeirinhos que participam do projeto. Este veículo tem sido um importante meio de troca de informação entre as comunidades e os setores das Reservas, além de ser um estímulo à leitura e à escrita nas comunidades ribeirinhas do médio Solimões.

Outro destaque foi a aprovação do projeto “Rede Ribeirinha de Comunicação” pelo Instituto Telemar através do edital nacional Novos Brasis, que visa o fortalecimento das ações desenvolvidas pelo IDSM, estimulando os ribeirinhos a se apropriarem de ferramentas de comunicação existentes na região norte do país. Esse projeto prevê a instalação de “rádios-poste comunitários” em comunidades das Reservas Mamirauá e Amanã. A inovação deste projeto consiste em utilizar energia fotovoltaica para utilização dos equipamentos de rádio nas comunidades de Porto Braga e Boca do Mamirauá, na Reserva Mamirauá, e na comunidade de Boa Esperança, na Reserva Amanã.

COMUNIDADES DAS RDS MAMIRAUÁ E AMANÃ SE PREPARAM PARA O MANEJO DO PIRARUCU

Ellen Amaral e Saíde Barbosa

O Programa de Manejo de Pesca do IDSM valoriza o conhecimento tradicional do pescador e cria oportunidades para sua participação em todas as etapas do manejo. Entre os meses de agosto e setembro de 2006, foram realizadas diversas capacitações, onde se destacaram os cursos de monitoramento, contagem e comercialização de pirarucu (Arapaima gigas). Os cursos tinham o objetivo de capacitar os pescadores para contagem e monitoramento da produção de pirarucu, bem como discutir os principais assuntos que envolvem planejamento da produção e comercialização de pirarucu manejado deste ano.

EVENTOS DE CAPACITAÇÃO REALIZADOS PELO PROGRAMA DE MANEJO DE PESCA/IDSM.

EVENTOS DE CAPACITAÇÃO	CARGA HORÁRIA	CARGA HORÁRIA	SETOR/COLÔNIA ENVOLVIDOS	Nº DE PARTICIPANTES
03 Cursos de Monitoramento de Pirarucu	08 horas	Capacitar pescadores para realizar biometria dos pirarucus capturados durante o manejo.	Setor Coraci, Setor Jarauá e Colônia de Pescadores de Maraã Z – 32.	28
04 Cursos de Teórico e Prático de Contagem de pirarucu	16 horas	Capacitar pescadores em contagem de pirarucu.	Setor Tijuaca, Setor Coraci, Setor Jarauá e Colônia de Pescadores de Maraã Z – 32.	60
04 Cursos de Teórico e Prático de Contagem de pirarucu	08 horas	Discutir junto aos pescadores os principais assuntos que envolvem a comercialização de pirarucu manejado, iniciar cálculos de custo de produção e planejar a venda da	Setor Tijuaca, Setor Coraci, Setor Jarauá e Colônia de Pescadores de Maraã Z – 32.	88

Pescadores de Tefé e Alvarães também mostram interesse em manejar

Dentro da proposta de inclusão de novos pescadores o Programa de Manejo de Pesca apoiou a discussão e elaboração do Acordo de Pesca do Pantaleão, que envolve pescadores do setor São José (RDSA), Colônia de pescadores de Tefé (Z-4) e Colônia de pescadores de Alvarães (Z-32). Em setembro foi realizado um curso e a primeira contagem de pirarucu na área do Pantaleão. Participaram do curso 24 pescadores envolvidos no Acordo. Os contadores certificados do setor Coraci contribuíram com sua experiência para realização da contagem no local.

RESULTADO DA CONTAGEM NA ÁREA DO ACORDO DE PESCA DO PANTALEÃO

LOCAL / LAGO	Nº DE PIRARUCUS JOVENS	Nº DE PIRARUCUS ADULTOS	TOTAL
Jacareúba	30	18	48
Miratinin	146	93	239
Mamiá Grande	159	96	255
Pretinho	66	39	105
Ressacona	19	9	28
Pirapucu	25	26	51
Paraná do Pirapucu	15	22	37
Bacabaí	26	20	46
Redondo do Matiaca	10	9	19
Comprido	34	34	68
Ventura	22	22	44
Tucunaré	0	1	1
Ressaca do Matiaca	54	25	79
Jaci	0	4	4
Volta do Pantaleão	37	193	230
TOTAIS	643	611	1254

Apesar de ainda não estar autorizada a pesca manejada de pirarucu neste local, os pescadores estão demonstrando interesse na preservação de seus lagos como uma poupança que renderá juros em um futuro próximo.

Financiadores: Ministério da Ciência e Tecnologia, CNPq, Próvarzea/IBAMA e Petrobrás.

Esta é uma publicação trimestral do Instituto Mamirauá.

Jornalista Responsável:

Fernando Segtowitz - DRT 1216548

Equipe responsável:

Edila Moura, Ana Claudeise Nascimento,

Thiago Figueiredo e Marco Lopes

Projeto gráfico:

Casa Brazilis Design

Editoração eletrônica:

Casa Brazilis Design

Revisão final:

Edila Moura

Impressão:

Gráfica Sta. Marta

Tiragem:

2.000 exemplares

E-mail:

omacaqueiro@mamiraua.org.br

Home page:

www.mamiraua.org.br

INSTITUTO MAMIRAUÁ REALIZA TREINAMENTO DE AGENTES DE PROTEÇÃO DE PRAIAS

Rafael Castanheira

O verão no Estado do Amazonas é marcado pela seca dos rios, época do aparecimento das praias e, conseqüentemente, de diversas espécies de animais que as utilizam para a procriação e construção de ninhos para a desova. Dentre estas espécies, estão os quelônios, répteis que se diferenciam dos outros vertebrados pelo desenvolvimento de uma estrutura de proteção, chamada de carapaça ou casco, sendo conhecidos localmente por "bichos de casco".

Com o objetivo de formar agentes de proteção de praias, com o ensino de técnicas de marcação e transferências de ninhos de quelônios e estimulando a troca de conhecimentos entre técnicos e ribeirinhos através da coleta de dados e repasse de informações sobre biologia básica, o Programa de Conservação e Manejo de Répteis do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM) realizou, entre os dias 15 e 18 de julho, o 3º Treinamento de Conservação de Quelônios e Proteção de Praias no Centro Itinerante de Educação Ambiental e Científica Bill Hamilton (CIEAC) em Tefé, Amazonas.

O curso foi ministrado pelo coordenador do Programa, Paulo Henrique Oliveira e contou com a participação de mais de 30 ribeirinhos moradores de 14 comunidades das RDS Mamirauá e Amanã. Paulo Henrique apresentou as diferentes espécies de quelônios encontrados na Amazônia, sua reprodução, habitat, seu comportamento, e as leis de proteção à fauna e sobre os crimes ambientais.

Na Amazônia os quelônios são aproveitados como fonte de alimento pelas populações ribeirinhas. Com a Lei de Proteção à Fauna, Lei No 5.197 de 1967, o comércio destes animais foi oficialmente proibido, mas o mercado clandestino vem se tornando cada vez mais forte e organizado no Amazonas. "A coleta de ovos de quelônios é muito praticada em toda a Amazônia. É um hábito cultural das pessoas nesta região que retiram estes ovos nas praias quase que em sua totalidade. Por isso, a educação ambiental é uma das principais maneiras de contermos estas ações e preservarmos estas espécies", disse Paulo.

Para melhor entender os procedimentos para a proteção das praias e dos ninhos de quelônios, os participantes fizeram exercícios práticos em uma das praias protegidas da Reserva Mamirauá, Praia do Horizonte. Na ocasião, Paulo Henrique coordenou os trabalhos de coleta de ovos dos ninhos de tracajá que não se encontravam em locais seguros, podendo ser destruídos com o aumento repentino do nível da água, fenômeno chamado de repique. Eles então construíram uma chocadeira artificial cercada com tela plástica onde os ninhos foram refeitos e os ovos foram enterrados novamente com segurança. Estas ações serão replicadas em todas as praias de nidificação de quelônios protegidas dentro das Reservas e no seu entorno e os agentes irão acompanhar todo este processo até nascimento dos filhotes.

Há um ano e meio trabalhando com a conservação de quelônios e proteção de praias na Reserva Mamirauá, Paulo Henrique tem notado o aumento da consciência sobre a importância da preservação do meio ambiente e, principalmente, destes animais. "Além dos fatores naturais como as inundações e o aumento da temperatura, as populações de quelônios estão em ameaça constante devido à ação humana. No entanto, muitos ribeirinhos da região têm se interessado pelo assunto e solicitado o apoio do Instituto Mamirauá para desenvolver trabalhos de preservação das praias onde vivem estes animais", afirmou Paulo Henrique.



CasaBrazilDesign

MACAQUEIRO

Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá



Foto: L.C. Marinho

LEVANTAMENTO ARQUEOLÓGICO EM COMUNIDADES DA RDS AMANÃ

Fernando Costa e Bernardo Lacale



Crédito Fotos: Fernando Costa e Bernardo Lacale

Entre os dias 15 e 23 de julho, foi realizado no Lago Amanã, um levantamento arqueológico em oito comunidades e nas residências de moradores isolados. Este levantamento, coordenado pelos Drs. Eduardo Neves (MAE/USP) e Deborah Lima (FAFICH/UFMG), foi iniciado em janeiro de 2006 e tem como objetivo avaliar o potencial arqueológico da RDS Amanã para o desenvolvimento de um plano de manejo desse patrimônio através de escavações em atividades de turismo arqueológico.

Durante os levantamentos foram identificados 11 sítios arqueológicos, com grande quantidade de vestígios cerâmicos e centenas de urnas expostas em superfície. Desse total, quatro sítios estão localizados nas áreas das comunidades Boa Esperança, Bom Jesus do Baré, Monte Sinai e Kalafate. Os outros sete estão situados em residências isoladas, em ambas as margens do lago.

Estas evidências indicam que as áreas de terra firme nas margens do Lago Amanã foram densamente ocupadas no período pré-colonial, ou seja, antes da chegada dos colonizadores



européus o Lago Amanã contava com um contingente populacional superior ao atual.

Outro objetivo desse projeto é tratar o patrimônio arqueológico como um recurso que deverá ser manejado em conjunto por pesquisadores e comunitários. O primeiro passo dessa parceria será dado em janeiro de 2007, quando iniciaremos palestras de educação patrimonial nas comunidades, uma vez que o desconhecimento da importância desses materiais, aliado ao crescimento populacional das comunidades, vem causando sérios prejuízos ao patrimônio arqueológico local.